

DOSSIÊ DEVOÇÕES NA CONTEMPORANEIDADE

doi: [10.25247/paralellus.2024.v15n36.p129-143](https://doi.org/10.25247/paralellus.2024.v15n36.p129-143)

A DEVOÇÃO AO SENHOR BOM JESUS NA ARQUIDIOCESE DE
RIBEIRÃO PRETO

DEVOTION TO THE LORD GOOD JESUS IN THE ARCHDIOCESE OF
RIBEIRÃO PRETO

DEVOCIÓN AL SEÑOR BUEN JESÚS EN LA ARQUIDIÓCESIS DE
RIBEIRÃO PRETO

*Nainora Maria Barbosa de Freitas**

RESUMO

As devoções populares são comuns no Brasil, muitas delas remanescentes do culto exteriorizado trazido pelos portugueses no período colonial. Este texto estuda o culto ao Senhor Bom Jesus na Arquidiocese de Ribeirão Preto sob diferentes invocações, como Bom Jesus da Cana Verde, Bom Jesus do Bonfim e Bom Jesus da Lapa.

Palavras-chave: Catolicismo; Devoção ao Bom Jesus; Ribeirão Preto.

ABSTRACT

In Brazil, popular devotions are common, many of them remnants of externalized cult brought by the Portuguese people in the Colonial period. This article aims to study the cult of Senhor Bom Jesus in the Archdiocese of Ribeirão Preto under different invocations, such as Bom Jesus da Cana Verde, Bom Jesus do Bonfim and Bom Jesus da Lapa.

* Doutora em História pela Faculdade de História, Direito e Serviço Social UNESP - Franca SP (2006). Mestra (1991) e licenciada (1985) em História pela mesma Universidade. E-mail: nainora.maria@yahoo.com.br. Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3885452682445305>.



Keywords: Catholicism; Devotion to Bom Jesus; Ribeirão Preto.

RESUMEN

En Brasil, las devociones populares son comunes, muchas de ellas restos del culto externalizado traído por los portugueses en el período colonial. Este artículo tiene como objetivo estudiar el culto al Senhor Bom Jesus en la Arquidiócesis de Ribeirão Preto bajo diferentes invocaciones, como Bom Jesus da Cana Verde, Bom Jesus do Bonfim y Bom Jesus da Lapa.

Palabras llave: Catolicismo; Devoción al Buen Jesús; Ribeirão Preto.

1. AS DEVOÇÕES POPULARES

Este texto propõe apresentar a devoção ao Senhor Bom Jesus na Arquidiocese de Ribeirão Preto. O culto ao Bom Jesus se traduz em festas centenárias que replicam rituais e crenças ancestrais, convivendo com as transformações trazidas pelos mais jovens. A força da religiosidade popular no Brasil é evidenciada pelos inúmeros santuários que atraem multidões nas festas religiosas em celebração aos santos, santas, Nossa Senhora e o Cristo Crucificado.

Identificamos na Arquidiocese de Ribeirão Preto a devoção presente no Santuário do Senhor Bom Jesus da Cana Verde (Batatais), no Santuário Bom Jesus da Lapa (Jardinópolis), na Matriz do Senhor Bom Jesus do Bonfim (distrito de Bonfim Paulista – Ribeirão Preto), na Paróquia do Senhor Bom Jesus da Lapa (Ribeirão Preto), na Paróquia Senhor Bom Jesus (Sertãozinho). A devoção também se encontra no distrito de Sertãozinho, Cruz das Posses, onde o Bom Jesus é celebrado em uma festa maior do que a celebração da Santa Cruz (Freitas; Schiavinato, 2022).

A invocação ao Senhor Bom Jesus recebe inúmeros títulos, recordando seu martírio: a agonia (do Horto, das Oliveiras), a flagelação (da Colina, da Pedra Fria), apresentação a Pilatos (Cana Verde, do Livramento), o caminho para o calvário (dos Passos), a crucificação (do Bonfim, da Lapa, de Matosinhos, da Boa Morte) e o sepultamento (Senhor Morto). Na arquidiocese de Ribeirão Preto, encontramos o orago do Senhor Bom Jesus sob a invocação da Cana Verde, da Lapa e do Bonfim.

A festa litúrgica celebrada em 6 de agosto é a festa da Transfiguração do Senhor, mas para passar a ressurreição, o Cristo antes precisou passar pela agonia da paixão e morte na cruz.

A palavra devoção deriva do latim *devotio*, *ōnis*, significando a ação de se dedicar, um voto com que alguém se dedica e se consagra (Houaiss). A dedicação tende a ser exclusiva, com a observância de práticas que religam o homem ao sagrado.

Nesta busca do sagrado, a fé, do latim *fides*, traduz-se por aquela que tem crença e confiança absoluta em alguém ou algo, sendo uma das virtudes teologais ao lado da esperança e da caridade. A Igreja do primeiro milênio deixa como legado as descrições das peregrinações e romarias, fomentando a fé cristã. Nas palavras do pesquisador Marques (2022), entre 381 e 384, uma mulher cristã, Aetheria (Egéria), deixa uma detalhada descrição da longa viagem que faz à “Terra Santa”, incluindo sua subida ao Monte Sinai, para ver o lugar da “sarça ardente”, onde Moisés teria recebido as “tábuas da Lei” com os 10 mandamentos.

Desde os primeiros tempos do catolicismo, os fiéis demonstram sua fé por meio de romarias e peregrinações a locais sagrados, que incluem não apenas os lugares em que Jesus viveu, mas também locais de martírio, túmulos e igrejas-santuário. Esses locais sagrados, espalhados pelo mundo, estão ligados a diferentes crenças e não apenas ao catolicismo, acolhendo peregrinos que participam de cerimônias religiosas, acendem velas, depositam ex-votos e fazem doações como forma de agradecimento ou pedidos.

O avanço do turismo religioso de massa nas últimas décadas permite que milhões de pessoas visitem esses locais ao redor do mundo. Os roteiros podem ser específicos, como os marianos, os passos de Jesus em Israel e na Palestina, Maria e José no Egito ou as rotas que reconstroem os passos de personagens históricos como os Caminhos de Paulo (Turquia, Grécia) e o Caminho de Anchieta (Espírito Santo, Brasil).

As rotas de peregrinação, muitas vezes a pé, estão espalhadas pelo mundo, sendo as mais conhecidas o Caminho de Santiago de Compostela, na Espanha, com trajetos que saem da França ou de Portugal; o Caminho de Abraão, na Jordânia; os

passos de Anchieta, no Espírito Santo e o Caminho da Fé no Brasil (Santuário Nossa Senhora Aparecida), dentre outras peregrinações. Esses caminhos, ao longo do percurso, agregam capelas, marcos ao lado de fontes de água potável, cruzeiros e outras indicações de que o peregrino está na estrada certa para chegar ao santuário.

O que leva uma pessoa a enfrentar o cansaço, as dores, as bolhas nos pés, a queda das unhas, a caminhar debaixo do sol, na chuva, no frio, enfrentando o cansaço por vários dias, centenas de quilômetros? Só existe uma explicação: a fé. Para muitos peregrinos, o trajeto é a busca de uma conquista de algo importante, uma graça a ser alcançada ou a gratidão por algo recebido. Para outros, o caminho leva a superação de limites, de autoconhecimento, uma jornada para encontrar Deus, a procura de paz, uma experiência de espiritualidade e desafio e conexão consigo mesmo. A cada passo, a cada parada, uma forma de conectar com o sagrado e nestes caminhos desfrutando também da paisagem.

O turismo religioso movimenta a economia dessas localidades por meio de hotéis, pousadas, albergues, restaurantes e cantinas. Inúmeros objetos são comercializados na temática religiosa, desde livros de orações, terços, medalhas, imagens, camisetas, colares e pingentes até canecas e quadros com motivos religiosos.

Quando as pessoas mudam de localidade, levam consigo suas devoções, o que permite que o culto a determinado santo se espalhe. A criação de lojas virtuais expande ainda mais o acesso e a comercialização desses produtos, promovendo as devoções.

O historiador chileno Maximiliano Salinas (2004) afirma que o tripé que constitui as devoções perpassa pela saúde, dinheiro e amor. Ao invocar a divindade, o fiel eleva suas preces pedindo saúde física e espiritual, amor e dinheiro, refletindo necessidades cotidianas. A relação com o sagrado envolve a expectativa de que o protetor resolva problemas cotidianos.

Bilhetes deixados em locais sagrados, tais como o Muro das Lamentações em Jerusalém, ou aos pés dos santos, nos altares das capelas e igrejas revelam essas

urgências e o anseio por dádivas divinas. Os bilhetes trazem a angustia do devoto, a esperança contida em receber as graças pedidas.

As práticas de religiosidade, exteriorizadas em manifestações públicas como procissões com andores majestosos, cânticos e rezas, têm a força de reunir multidões, participando do ato ou assistindo como um espetáculo religioso e profano.

Muitas cidades reconhecem esses espaços e celebrações religiosas como patrimônio cultural tangível e intangível, elaborando políticas públicas para preservar as tradições e fomentar a economia local. Festas religiosas atraem multidões, gerando renda em diversos setores das cidades que as inserem no calendário das festividades civis.

A propagação da venda de velas, objetos de culto e o aumento de visitantes para festas religiosas remontam ao período colonial no Brasil. Segundo Algranti (1997), durante o período colonial, as vilas atraem muitas pessoas para as festividades, com ruas iluminadas e janelas enfeitadas. A responsabilidade pela realização dessas festas reside em associações leigas e ordens religiosas influenciadas por grupos familiares relevantes na sociedade local. Em algumas localidades, ainda é costume enfeitar as janelas e a frente das casas esperando a procissão passar.

A força dessas manifestações de fé que atraem multidões para as celebrações de novenas, missas festivas e procissões também se traduz em momentos celebrativos profanos, como quermesses, almoços, jantares, rifas, bingos e leilões de prendas, que sustentam a comunidade religiosa ao longo do ano e constituem a principal fonte de renda para a manutenção da comunidade.

2. A DEVOÇÃO AO SENHOR BOM JESUS: DE PORTUGAL PARA O BRASIL

As devoções populares fazem parte da História do Brasil desde a chegada dos portugueses, que trazem consigo o catolicismo e inúmeras imagens que expressam sua fé. Ao longo dos séculos, essas devoções se reinventam, adaptando-se à cultura urbana e, mais recentemente, à cultura virtual. O culto ao Bom Jesus acompanha os passos da colonização brasileira em suas diferentes invocações, trazidas de Portugal para o Brasil.

O culto ao Senhor Bom Jesus chega cedo ao Brasil, durante o período colonial, trazido pelos portugueses. Em Portugal, a devoção ao Senhor Bom Jesus é significativa, com o Santuário do Senhor Bom Jesus do Monte sendo um dos locais religiosos que atraem milhões de peregrinos anualmente. O santuário está localizado na cidade de Braga, sede da primeira diocese portuguesa, e é uma devoção antiga que remonta a uma capela construída no período medieval. O culto, inicialmente estabelecido no Convento de Bouças, é transferido para o Porto e posteriormente para o Outeiro de Matosinhos, espalhando a devoção pelo norte de Portugal e para a Espanha (Amaro, *in*: Cardoso, p. 96). Inúmeras lendas acompanham o estabelecimento da devoção ao Senhor Bom Jesus no norte de Portugal, permitindo, segundo Toscan (2013), a cristianização da região, transformando o local em referência na devoção ao Bom Jesus.

A descrição das construções do Santuário pode ser encontrada em obras como "Memórias do Bom Jesus do Monte" e "Roteiro ou Breve Notícia de Braga", de Diogo Pereira F. de S. Pimentel, publicado em 1883. O autor relata que a obra arquitetônica do santuário é plena de poesia, expressa com os cinco sentidos e as três virtudes: fé, esperança e caridade. Cada representação, estátua, escadaria, capela, fonte e alegoria trabalham para despertar o sentido da vida e a relação com o sagrado (Pimentel, 1883, p. 22).

O afluxo de portugueses do norte de Portugal que vem para o Brasil, especialmente a partir do século XVIII, pode em parte explicar a disseminação dessas devoções, principalmente de Minas Gerais para outras partes do país. A festa do Bom Jesus se transforma em um evento transmitido de geração em geração, consolidando a identidade dos devotos ao longo do tempo.

As imagens que evocam o Bom Jesus nas diferentes localidades, principalmente as procedentes do período colonial, retratam os passos da Paixão de Cristo, compondo o Tríduo Pascal – Quinta-feira Santa, Sexta-feira Santa e Vigília Pascal. Essas imagens, junto com as festas dos santos e das santas (mártires, Virgem Maria, apóstolos, padroeiros), recebem novas roupagens ao longo dos séculos.

As devoções constituem lugares de memória, narrativas que envolvem um recorte de espaço e tempo, permitindo traçar um caminho que pode ser lido de diferentes

formas. A iconografia do Bom Jesus geralmente o apresenta coroadado de espinhos, com um caniço na mão esquerda, ladeado por dois anjos. De acordo com a pesquisadora Moreira (2015, p. 17), a Via Crucis atrai o cristão, que sempre olha para o Cristo crucificado e a cena da Paixão como parte da vida cotidiana, com seus sofrimentos, sua dor e suas incertezas.

As invocações ao Bom Jesus no Brasil são variadas e encontram-se espalhadas pelo país desde o período colonial. Algumas celebrações se destacam por atrair grandes multidões de devotos desde o início do culto ao orago, como a do Bom Jesus da Lapa na Bahia, Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas do Campo (Minas Gerais), Bom Jesus da Cana Verde em Pirapora do Bom Jesus (São Paulo), e Senhor Bom Jesus de Iguape (São Paulo), dentre outros locais de culto ao Bom Jesus.

O Santuário do Bom Jesus da Lapa, na Bahia, transforma-se em um importante centro de romaria. Localizado às margens do Rio São Francisco, torna-se parada obrigatória para os navegantes do rio, expandindo a devoção. O Santuário do Bom Jesus de Matosinhos, construído na área de mineração no século XVIII, abriga também obras do principal escultor do barroco brasileiro no período colonial, Antônio Francisco Lisboa, o Aleijadinho. Menos conhecido, mas referência desde o século XVIII em São Paulo, o Santuário do Bom Jesus em Pirapora abriga o Seminário Menor da Diocese de São Paulo e depois o Seminário da Ordem dos Premonstratenses. O Santuário do Senhor Bom Jesus de Iguape é um centro de peregrinação desde o século XVII com o culto muito difundido na região com festa grande, novena e peregrinação.

As localidades destacadas que invocam o Bom Jesus constituem lugares em que a devoção está presente não apenas na festa do Bom Jesus, celebrada em 6 de agosto, mas durante todo o ano, conforme observado nas celebrações na Arquidiocese de Ribeirão Preto, tema deste artigo. No período colonial e imperial, as dificuldades daquelas sociedades percebem o tempo, as crenças e os modos de se relacionar com os mistérios da vida de maneira distinta do mundo urbano e virtual atual, mas a manifestação do sagrado permanece nessas devoções centenárias.

3. BOM JESUS NA ARQUIDIOCESE DE RIBEIRÃO PRETO

O culto ao Senhor Bom Jesus, ao longo dos séculos, adapta-se à religiosidade local e popular, conforme as necessidades espirituais. Isso transparece nas diferentes invocações ao Senhor Bom Jesus encontradas nas paróquias da Arquidiocese de Ribeirão Preto: Santuário do Senhor Bom Jesus da Cana Verde (Batatais), Santuário Bom Jesus da Lapa (Jardinópolis), Matriz do Senhor Bom Jesus do Bonfim (distrito de Bonfim Paulista – Ribeirão Preto), Paróquia do Senhor Bom Jesus da Lapa (Ribeirão Preto) e Paróquia do Bom Jesus (Sertãozinho).

A ocupação da região de Ribeirão Preto ocorre principalmente a partir do século XIX, quando entrantes procedentes de Minas Gerais vêm com suas famílias, gado, escravos e suas devoções. A paróquia mais antiga da arquidiocese de Ribeirão Preto tem a invocação do Senhor Bom Jesus da Cana Verde, instalada em 1815. O padroeiro da freguesia de Batatais é escolhido pelo bispo diocesano de São Paulo, Dom Matheus de Abreu Pereira (1742-1824), português da ilha da Madeira, que exerceu o governo da diocese de São Paulo entre os anos de 1796 e 1824, que cria a freguesia e dá a ela o nome Senhor Bom Jesus da Cana Verde, uma devoção particular do bispo (Freitas; Schiavinato, 2022, p. 42).

A capela inicial é substituída por uma igreja maior de estilo colonial, e a festa de devoção ao Bom Jesus é realizada com missa festiva e procissão. A matriz atual, construída na década de 1930, é elevada à categoria de Santuário em 2015, com a invocação do Senhor Bom Jesus da Cana Verde. Nas últimas décadas, a devoção ao Senhor Bom Jesus ganha impulso com a propagação do orago, incluindo missões nas casas e a visita da imagem a outras paróquias da cidade. É instituída a "Hora de Guarda", uma hora de oração específica com cada pastoral, com hino e oração própria ao Bom Jesus. A festa profana inclui quermesse, um concurso cultural de vitrines com o tema do Bom Jesus da Cana Verde. A Igreja do Bom Jesus guarda um importante acervo do pintor Candido Portinari. Quem visita o templo para ver as obras de Portinari tem a oportunidade de conhecer um pouco a respeito do padroeiro Bom Jesus, o que contribui para divulgar a devoção.

O distrito de Bonfim Paulista, em Ribeirão Preto, recebe o nome do orago cuja capela tem a invocação ao Senhor Bom Jesus do Bonfim. A capela é doação de um

português, natural do Porto, Francisco Rodrigues dos Santos Bonfim, que deixa em testamento: "Deixo como esmola ao Bom Jesus do Bonfim, na Estação Villa Bonfim" (Morais Filho, 2019, p. 71). A paróquia é instalada em 1898, poucos anos após a doação do terreno para a construção da capela. A chegada da imagem, trazida de Portugal por Francisco, é marcada por missa solene e procissão, incentivando a devoção na região. A festa desde então é marcada por missa solene, tríduo, procissão com imagem do Senhor Bom Jesus. Nas últimas décadas, a comunidade passou a levar na procissão junto com o andor do Senhor Bom Jesus os santos de devoção da comunidade. A celebração envolve dezenas de pessoas como os participantes dos movimentos, grupos de terços, pastorais e outros fiéis devotos do orago.

Durante os festejos do padroeiro em Bonfim Paulista, as casas particulares e os estabelecimentos comerciais que solicitam recebem uma benção especial com a visita da imagem. A devoção ao Senhor Bom Jesus do Bonfim continua firme após mais de um século da construção da capela, embora nas últimas décadas enfrente concorrência com a devoção a Nossa Senhora Aparecida (Freitas; Schiavinato, 2022).

Em um bairro da cidade de Jardinópolis (São Paulo), no início do século XX, instalase uma senhora procedente da Bahia, Dona Pequena do Nascimento, devota do Senhor Bom Jesus da Lapa. Ela constrói uma capela em cumprimento a uma promessa. Em 1917, o bispo diocesano Dom Alberto José Gonçalves autoriza a celebração de missa na capela de Dona Pequena do Nascimento.

A festa além da novena envolvia quermesse, jogos, baile, atraía multidões e trazia problemas para a comunidade, como brigas e arruaças. Os fazendeiros da região reclamavam que os funcionários não apareciam para trabalhar durante os nove dias de duração da novena, abandonando o trabalho em um período de colheita de café. Essa situação e as irregularidades da festa dirigida pela Sra. Pequena do Nascimento gerou tensão entre a proprietária da capela e as autoridades eclesásticas. Entre 1927 e 1934, Jardinópolis tem duas festas ao Bom Jesus: uma na capela de D. Pequena e outra na matriz de Nossa Senhora Aparecida. Após muita pressão do bispo Dom Alberto José Gonçalves, D. Pequena doa a capela para

a diocese, e a devoção se populariza entre as famílias pobres da região (Freitas, 2006).

Em 20 de maio de 2006, o então arcebispo de Ribeirão Preto, Dom Arnaldo Ribeiro, instala em Jardinópolis o Santuário do Senhor Bom Jesus da Lapa, consolidando institucionalmente a principal manifestação da fé popular, na arquidiocese de Ribeirão Preto.

A paróquia do Senhor Bom Jesus da Lapa, no bairro Campos Elíseos em Ribeirão Preto, é instalada em 28 de agosto de 1964. (Correia, 2008). A devoção ao Senhor Bom Jesus da Lapa na cidade de Ribeirão Preto é mais discreta, mas as celebrações contam com tríduo, missas em vários horários, missa festiva e procissão com andor do padroeiro e outros santos da comunidade de acordo com o rito da Arquidiocese.

A devoção ao Bom Jesus da Lapa, na cidade de Sertãozinho, remonta à década de 1930 quando uma família traz uma imagem da Bahia e inicia a reza do terço e missa. Uma capela é construída pela família com ajuda de particulares em honra ao Bom Jesus e à devoção passada de uma geração a outra. A festa cresce com quermesse, bingo, procissão de andores do Bom Jesus e outros santos da comunidade. Na década de 1970, as pessoas se reúnem para rezar, estudar a Bíblia, entre outras atividades nas dependências da capela do Bom Jesus é cedida pela família para estas reuniões. Em 1979, é realizada a 1ª festa do Senhor Bom Jesus, organizada pela comunidade e não apenas pela família da Dona Olga de Oliveira, neta da fundadora da devoção.

Em 1982, inicia-se a construção da matriz do Senhor Bom Jesus, no bairro Alvorada em Sertãozinho (São Paulo), situada bem próxima da capela particular que deu origem à devoção. A 1ª missa é celebrada pelo arcebispo Dom Romeu Alberti em 1985 e a paróquia instalada em 2000, por D. Arnaldo Ribeiro.

A cidade de Sertãozinho passa a ter duas festas de invocação ao Senhor Bom Jesus, uma particular, na capela do Senhor Bom Jesus, e outra na Paróquia do Bom Jesus dirigida pela Igreja. Atualmente, a capela original particular ainda é de propriedade da família, que está na quarta geração e mantém a tradição da

celebração com terço e novena com número pequeno de pessoas. A grande festa ao Senhor Bom Jesus da Lapa é realizada pela comunidade, na matriz do Senhor Bom Jesus, com procissão de andor do padroeiro, acompanhada da festa social que atrai milhares de pessoas.

As festas, com novenas, tríduos, procissões com andores, revelam o quanto a devoção ao Senhor Bom Jesus está difundida em algumas cidades da Arquidiocese de Ribeirão Preto, bem como as permanências identitárias no entorno das celebrações. A devoção ao Senhor Bom Jesus, que já dura séculos, é capaz de se readaptar, sendo moldada pela cultura, imaginário e realidade das pessoas ao longo do tempo. Ao identificar essa devoção em diversas regiões, observa-se o empenho dos devotos em manter viva a crença e a prática religiosa, fortalecendo a identidade de cada comunidade.

4. CONSIDERAÇÕES FINAIS

O culto ao Senhor Bom Jesus, trazido de Portugal para o Brasil, está enraizado em tradições que remontam ao período colonial. Essas tradições se enriquecem e se adaptam ao longo dos séculos. As invocações ao Bom Jesus, oriundas do período colonial, descritas neste texto, identificam-se de forma semelhante na Arquidiocese de Ribeirão Preto.

A devoção ao Bom Jesus, nas suas invocações da Cana Verde, da Lapa e do Bonfim, indica a permanência do orago fora dos grandes centros coloniais. Essas manifestações mantêm as características da festa colonial, combinando a dimensão espiritual com sua extensão social.

Para a Igreja, o controle dessas festas se mostra necessário por vários motivos, incluindo a disciplina das devoções populares conforme sugerido pelo documento de Aparecida e a evangelização por meio das devoções. Além disso, a parte social das festividades, que ocorre durante o mês ou nos dias da novena ao orago, promove o sustento das paróquias.

A sala de ex-votos ou dos milagres, repleta de objetos deixados pelos fiéis, demonstra como a invocação ao Bom Jesus na Arquidiocese se respalda pelo retorno das graças alcançadas pelos devotos.

As celebrações no Santuário do Bom Jesus da Lapa, na cidade de Jardinópolis, atraem pessoas de toda a região, que chegam a pé, de carro, ônibus, bicicleta e até a cavalo, demonstrando a ampla difusão da devoção. Algumas pessoas realizam esses trajetos de peregrinação como um desafio ou superação pessoal, outras pagam promessas de fazer o trajeto a pé como agradecimento pelo recebimento de cura ou de outro pedido feito ao orago.

A presença de barracas, que oferecem suporte com água, chá, café, leite, pães e bolos, é comum em vários dos trajetos durante as festas dos padroeiros. Elas constituem uma forma de devolver as graças alcançadas ou ainda aquelas que por motivo de saúde não conseguem mais fazer o trajeto a pé oferecem um apoio para quem está na estrada. O depoimento de romeiros revela que envolve muita dedicação, fé incondicional nos atos de pedir e agradecer. O milagre alcançado atribuído ao Senhor Bom Jesus jamais é esquecido e a devoção passa de uma geração a outra, adequando-se aos novos desafios da sociedade contemporânea. A sala dos milagres reflete como os fiéis por meio dos ex-votos agradecem ao Senhor Bom Jesus as graças alcançadas e confirma a popularidade do orago por meio da fé.

Na noite de cinco para seis de agosto, data da festa do Bom Jesus, milhares de devotos caminham a pé de Ribeirão Preto, Brodowski e outras cidades, rezando ao Bom Jesus durante à noite. Chegam durante a madrugada e são acolhidos com café da manhã doado por outros fiéis. As equipes de acolhida se revezam madrugada adentro. A maior concentração de pessoas ocorre no Santuário da Lapa, em Jardinópolis, onde missas são celebradas desde as primeiras horas da madrugada até o meio-dia, culminando com uma missa festiva e solene à tarde, seguida de procissão.

No distrito de Bonfim Paulista, em Ribeirão Preto, a festa ao Bom Jesus do Bonfim ainda se mostra significativa, mas perde força para a romaria de Nossa Senhora Aparecida, celebrada em 12 de outubro, que atrai cerca de cinquenta mil pessoas.

A devoção ao Senhor Bom Jesus no distrito de Cruz das Posses, em Sertãozinho, supera a festa da Santa Cruz, padroeira da comunidade. A devoção ao Bom Jesus da Lapa, em Ribeirão Preto, vem crescendo a cada ano, apesar da concorrência da celebração centenária da cidade de Jardinópolis.

Em Batatais, a devoção ao Senhor Bom Jesus se reforça com a elevação da matriz a Santuário, atraindo um número crescente de devotos a cada ano, com grandes manifestações de fé.

Em Sertãozinho, as duas celebrações, a particular e a da Igreja, nos mostram a força da devoção popular, que movimenta a comunidade, e deixa explícito quem de fato comanda a festa é o povo, com suas escolhas, independente da instituição.

A fé, incondicional no Senhor Bom Jesus, é revelada na simplicidade dos movimentos, dos gestos, atestada nos bilhetes, nas inúmeras doações, nas peregrinações (às vezes sofridas com bolhas e sangue nos pés), nos ex-votos, passada de uma geração a outra, amoldada pelas novas circunstâncias da sociedade contemporânea.

Nas redes sociais desses templos, com milhares de seguidores, mostra-se a nova realidade na qual estão inseridos. Por meio deles, é possível acompanhar em tempo real, a novena, o tríduo, os preparativos para a procissão, as missas festivas e as procissões. As celebrações ao longo do ano, bem como as promoções sociais, são divulgadas nessas redes, alimentando a relação entre o fiel devoto e o protetor.

Os andores do Senhor Bom Jesus e dos santos de devoção da comunidade, como Nossa Senhora da Soledade ou das Dores que sempre acompanha o Bom Jesus, fazem parte das celebrações que constituem um espetáculo à parte. Em sua maioria, os andores são enfeitados de flores naturais, com iluminação para as procissões que adentram à noite, encantam pela estética perfeita, pela representação do cuidado com que o fiel prepara o andor do orago, transformando a fé em uma representação de arte. Os andores com a imagem do orago têm a missão de transmitir como o fiel solicita as graças e bênçãos, bem como agradece, manifesta sua fidelidade e a manutenção da fé de uma geração a outra.

A música com o hino ao Senhor Bom Jesus é parte fundamental das celebrações, sendo ele entoado em todas as celebrações, cantando as aflições e as angústias do fiel, pedindo o socorro necessário e buscando o amparo.

A Igreja tem uma liturgia própria para celebrar a devoção popular do Cristo sofredor, o Senhor Bom Jesus. A atividade coletiva de preparação para essas festas expõe a fé da comunidade no orago, que não mede esforços trabalhando voluntariamente para pagar suas promessas e agradecer as graças alcançadas.

Pode-se afirmar que a devoção popular ao Senhor Bom Jesus na Arquidiocese de Ribeirão Preto é ampla e atrai milhares de pessoas, tanto pela dimensão religiosa quanto pela social.

REFERÊNCIAS

AMARO, S. C. A devoção e o culto ao Bom Jesus da Cana Verde. *In*: CARDOSO, Walter. **Bom Jesus da Cana Verde dos Batataes**: das bandeiras a cidade. Florianópolis: Samec, 2014.

ALGRANTI, L. M. Famílias e Vida Doméstica. *In*: SOUZA, L. de M. (org.). **História da vida privada no Brasil**. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

CAMPOS, M. S. Salud, Dinero y Amor: una inspiración festiva y popular para la historiografía del cuerpo. *In*: SAMPAIO, J. H. (org.). **Saúde, dinheiro e amor**: estudo da vivência religiosa a partir dos seus sujeitos. Piracicaba: UNIMEP/CHELIA, 2004.

CASTELLS, M. **O poder da identidade: a era da informação**. Tradução: Klauss Brandini Gerhardt. 9. ed. Rio de Janeiro/São Paulo: Paz e Terra, v. 2, 2018.

CORREIA, F. de A. **História da arquidiocese de Ribeirão Preto (1908-2008)**. Brodowski: Grafcolor, 2008.

DEVOÇÃO. *In*: Houaiss. Dicionário Houaiss. Disponível em https://houaiss.uol.com.br/corporativo/apps/uol_www/v6-2/html/index.php#1 Acesso em: 10 mai. 2024.

FREITAS, N. M. B. de. (2014). Feast, tradition and catholic church: values to be preserved. **LASA**, 2014. Disponível em <http://lasa4.lasa.pitt.edu/members/congresspapers/lasa2014/files/39811.pdf> Acesso em: out. 2014.

FREITAS, N. M. B. de; SCHIAVINATO, P. L. **As devoções centenárias na arquidiocese de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto, 2022.

MARQUES, L. C. L. [Orelha de livro]. *In*: FREITAS, N. M. B. de; SCHIAVINATO, P. L. **As devoções centenárias na arquidiocese de Ribeirão Preto**. Ribeirão Preto, 2022.

MOLINA, S.R.; FREITAS, N. M. B. de; ROSA, L. R. de O. Patrimônio cultural, religião e religiosidade: reflexões sobre a experiência de pesquisa com o I.N.R.C. – Inventário Nacional de Referências Culturais. **Dialogus**, n. 1 e 2, janeiro/dezembro, p. 174-189, 2013.

MORAIS FILHO, S. S. **Francisco Rodrigues dos Santos Bonfim e seu legado**. Cravinhos, [s.n.], 2019.

MOREIRA, M. A. F. **Senhor Bom Jesus e São Benedito**: duas devoções, uma Igreja. Suzano: Ilustra, 2015.

PIMENTEL, D. P. F. de S. Memórias no Bom Jesus do Monte: roteiro ou breve notícia de Braga. Lisboa: Lallemand Frères. p. 22, 1883. Disponível em: <https://archive.org/details/DELTA53863FA/page/n26/mode/1up> Acesso em: 09 mai. 2024.

TOSCAN, M. As simbologias religiosas dos Santuários do Bom Jesus do Monte de Braga e do Bom Jesus de Matosinhos em Congonhas. **Revista Confluências Culturais**, v. 3, n. 1, p. 158-159, março, 2014.